

# ESSE FILME NÃO É UM FILME

*Ricardo Azevedo Pacheco*<sup>1</sup>

## RESUMO

O título do texto foi o de uma mesa do Encontro: “Políticas da Psicanálise: quando os psicanalistas se encontram, o que acontece?” (Campinas, SP, Junho 2019). Ele é efeito das discussões entre os participante da mesa que tomaram o documentário “No intenso agora” ( João Moreira Sales - 2017) como dispositivo de trabalho. Trata-se de um documentário político que justapõe imagens de arquivo de uma série de acontecimentos diferentes da década de 1960: a China de 1966 sob o regime de Mao, visitada e filmada pela mãe do diretor na época com a revolta estudantil em Paris e a Primavera de Praga. O autor tece considerações sobre a lógica e a política em jogo quando psicanalistas se encontram, ou seja, sua associação com alguns outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política; Psicanálise; dispositivo; encontro; lógica.

<sup>1</sup>Médico (UFMG), psiquiatra (FCM UNICAMP), doutor em saúde coletiva (FCM UNICAMP), psicanalista membro do OUTRARTE, IEL, UNICAMP. E-mail ricardoazedopacheco@yahoo.com.br

## **PRELÚDIO**

O título desse texto é o mesmo de uma mesa do Encontro: “Políticas da Psicanálise: quando os psicanalistas se encontram, o que acontece?” realizado em Campinas entre os dias 15 e 17 de junho de 2019. Nessa mesa participaram além de mim os psicanalistas Luís Américo Valadão e Maria Teresa Lemos. A mesa se intitulou “Esse filme não é um filme”, em referência ao documentário de João Moreira Sales, “No intenso agora”. Esse documentário foi escolhido pelos organizadores do evento como um dispositivo de trabalho, ou seja, o mote, a instância que nos leu e ao fazê-lo nos colocou a trabalho. Esse prelúdio introduziu fala naquele dia. O leitor vai encontrar várias referências ao “No intenso agora” neste texto. Ao João Moreira Sales, diretor do filme, mas também ao “Joãozinho”, sujeito desse texto, e aos efeitos de trabalho com esse dispositivo documental de forma dispersa nas próximas linhas. Dispersão de restos.

Esse texto não é um comentário sobre o documentário, muito menos faz sua crítica ou mesmo faz dele um objeto. “No intenso agora”, para os participantes dessa mesa e como esclareço a seguir foi nosso dispositivo, ou seja, seguindo Foucault (1977), aquilo, uma rede, que, em funcionamento, sempre deixa restos. Deixo à cada leitor a margem de fazer, com essa dispersão, sua leitura singular.

“Cortesia”. Em 17 de Fevereiro de 1971 uma das aulas iniciais do seminário XVIII Lacan é perguntado se manteria sua fala em função de uma greve. (LACAN, J. 2009, pp. 51-70) O contexto não interessa em nada aqui e não fui atrás dessa filigrana. Mas ele diz que falaria. Decide falar e não fazer greve por cortesia. Cortesia ritual, uma das 5 virtudes fundamentais “de um homem de uma certa época”. Lacan se refere a Confúcio. Cortesia ritual. Confúcio dizia haver 5 virtudes cardeais, dentre elas, a cortesia. O que é a cortesia? É responder com imparcialidade a uma presença. Eu escrevi assim a esse respeito no grupo de WhatsApp que eu, Luís e Teresa criamos e onde conversamos alguns meses. O grupo se chamou: “Então China?”.

A foto ilustrativa do grupo, escolhida por mim, é uma foto do genial artista/performer chinês Ai Wei Wei. A escolha não foi aleatória. Wei Wei é um cara

que havia me emocionado sobremaneira na Oca, Ibirapuera SP, por um motivo em especial. O artista, em instalações monumentais, mas também em obras mínimas consegue dizer da verdade de seu tempo pela via da conexão entre, por exemplo, a tradição milenar da arte chinesa da porcelana e o motivo de tais composições: os refugiados árabes em seu drama mediterrâneo e seu destino de exílio. Ele diz: somos todos exilados. É aterrador. Emocionante e lindo.

Pois então. No “Então China?” eu dizia como eu entendi o que Lacan chama “cortesia” nesse dia de aula do seminário XVIII. Entendi que responder com imparcialidade à uma presença é responder ao Outro, mas responder sem grandes paixões. Escrevi assim no “whats”: “ - Sendo mais específico: acho que é encontrar a própria voz, considerando a presença do Outro, mas sem embarcar na passionalidade com ele”. Cortesia = virtude fundamental de anfitrião o Outro”.

Ali pra Frente Teresa escreve sobre o nome da nossa atividade. Ela diz assim: “ - Eu acho legal fazer algo com o intenso agora. Usar esses significantes. No intenso. Agora. Nos incluir nesse agora dele”. Tal como a mãe, o Joãozinho e como todos nós não sabemos o que filmamos, certamente Teresa não sabia a virtude do que falou. Nos incluirmos no agora dele é nos incluirmos onde o Outro se marca em sua queda de um lugar de consistência ou de completude. Não é que ele não exista. Nossa fantasia nunca deixa a gente dizer que o Outro não existe. Precisamos que ele exista para que nós possamos existir nele, ou mais precisamente ainda, para que os significantes dele nos confirmem o lugar intervalar na tela fantasiosa onde criamos o estofo de uma ilusão necessária de ser.

Mas nos incluirmos no “agora dele” é nos incluirmos num significante não-qualquer. O agora é um shifter. Explicarei isso daqui a pouco, mas por ora basta dizer que nos incluirmos no agora dele é nos incluirmos na negatividade do Outro e na marca escrita dessa negatividade para fazer alguma coisa com isso.

O Luís, logo à frente, defende a ideia de que não se trataria de analistas se encontrando para analisar o objeto filme. “- Se eu escutei direito o Ricardo, essa “cortesia seria um nome da posição do analista em extensão (essa nossa posição de agora, nessa mesa de agora, visto que nenhum de nós está aqui conduzindo uma sessão de análise), em contraste com os discursos da histeria/do mestre/universitário

e o capitalista do qual tratou em Vincennes. Cortesia, resposta ao cinismo” ele diz. E eu acrescento escrevendo assim “- (...) um para além do pai, menos cínico.” Foucault tem um curso inteiro que ele chama “A coragem da verdade” (FOUCAULT, M. 2011, pp.3-23). Há uma posição na enunciação da verdade que ele especifica. A do parresiasta. Quem é o parresiasta? Não é o professor, não é o eremita, não é o técnico. O parresiasta é quem estabelece um diálogo franco com seus pares. O que especifica esse diálogo? É que ele sabe que com esse mesmo diálogo ele pode perder o amigo. Talvez, perder a vida. Perder tudo. O que é perder tudo, senão perder sua referência de ser? Portanto, bem-vindos, a vocês que estão aqui hoje nos assistindo, mas bem-vindos em particular meus amigos que me acompanham nessa mesa. Apostamos alto e ao menos nessa mesa, perdemos, sim, mas não perdemos tudo.

Minha fala parte da última frase de um poema e Paul Verlaine, chamado Arte Poética traduzido por Augusto de Campos e que leio agora na íntegra. Esse poema precisa ser lido na íntegra, se o destaque é para essa frase. É como se houvesse essa frase e o conjunto do texto:

Antes de tudo, a música.

Preza portanto, o ímpar.

Só cabe usar o mais vago e solúvel no ar  
Sem nada em si que poussa, ou que pesa

Pesar palavras será preciso

Mas com um certo desdém pela pinça.

Nada melhor do que a canção cinza

Onde o indeciso se une ao preciso.

Uns belos olhos atrás do véu

O lusco-fusco do meio-dia

A turba azul de estrelas que estria

O outono agônico pelo céu!

Pois a nuance é que leva a palma.

Nada de cor, somente nuance!

Nuance só que nos afiance

O sonho ao sonho e a flauta na alma!  
Foge do chiste, a farpa mesquinha  
Frase do espírito, riso aluar  
Que o olho do azul faz lacrimejar  
Alho plebeu de baixa cozinha!

A eloquência? Torce-lhe o pescoço!  
E convém empregar de uma vez  
A rima com certa sensatez  
Ou vamos todos parar no fosso!

Quem nos dirá dos males da rima!  
Que surdo absurdo, que negro louco  
Forjou em jóia esse toco oco  
Que soa falso e vil sobre a linha?

Música ainda, e eternamente!  
Que teu verso seja o voo alto  
Que se desprende da alma no salto  
Para outros céus e para outra mente

Que teu verso seja a aventura  
Esparsa ao árdego ar da manhã  
Que enche de aroma ótimo e a hortelã  
E todo o resto é literatura.

(Verlaine, Paul, <http://leitoracritica.blogspot.com/2009/10/poesia-antes-de-tudo.html>)

O Joãozinho pega o resto da filmagem que sua mãe fizera ao viajar para a China em 1966, ou seja, 40 anos depois, e diz, com sua voz de pato: “nem sempre a gente sabe o que está filmando.” Há um resto ou, talvez um excesso que excede ou subtrai-se – tanto faz - do filmado. Escotoma. Ponto cego. Mas ponto que nos olha e dali nos interroga. E nos interroga sobre o que? Sobre sua própria utopia, sobre sua queda e sua exclusão. O olhar excluído nos interroga sobre sua soltura, sua queda e sua autonomia erótica. Como pode, descolar-se do Outro e nos atrair desse jeito?

Não se tratou, para o Joãozinho, de entender como estes pontos se desgarraram. Por qual queda, por qual soltura, por qual separação. Interessa que isso aconteceu. Ele constata: ela não sabia o que filmava e com isso o encontro com a China virou um choque com algo que ela viu sem ver e a modificou. Aconteceu ao João que isso que ela viu sem ver causou o seu dizer e que seu dizer foi dito. Sua voz narra, no descompasso entre o visto e o filmado, o documentário. A prova de que há um dizer no dito do Joãozinho, na narração do João é que cá estamos nós dizendo sobre o que nos resta do que o Joãozinho disse. Isso que restou pra nós incitou nosso trabalho e nos faz dizer a terceiros: vocês, que vieram nos encontrar hoje. Transmissão? Talvez. Se aconteceu ao João.... pode acontecer a você, à mim, a um qualquer. Pode, sem garantias.

É com esse resto e com outros que Joãozinho e nós fazemos nosso o “No intenso agora”, dele. João Moreira Sales trabalhou movido, embalado pelo resto. Joãozinho é um compositor que executou com essa colagem de restos, uma outra coisa. Resto do choque cultural na China que depois virou potência econômica capitalista. Resto do protesto silencioso por trás da cortina em Praga que virou a eloquência da resistência doméstica possível. Resto do fetichismo da mercadoria e da sociedade do espetáculo que fez ironicamente com que um pedaço de maio de 68 virasse artigo consumível de revista. Do resto de funerais de mártires, seu uso político. Tudo isso é resto. Todo resto é literatura. Todo resto pode ser documento e com isso, o resto se dignifica, passa ter valor para alguém. Dar um estatuto de dignidade documental não-ideal ao resto me parece ser coisa que interessa a um psicanalista.

Assim como qualificar o “agora”. Qualificar o agora é coisa que interessa a um psicanalista. Entendi muito recentemente, numa conferência de Giorgio Agamben chamada “A linguagem e a morte” (AGAMBEN, G. 2006) que “agora”, é um elemento de linguagem que se chama shifter. Já tinha lido tanto isso. E não tinha entendido nada. É tão curioso o fato de que o maior índice do entendimento possa ser a surpresa, não é mesmo? As palavras isto, aqui, agora, ou mesmo “eu”, são exemplos de shifters. Um shifter é algo que é ao mesmo tempo indicativo de objeto, indica um lugar, um rastro de um objeto (o agora como rastro de um tempo que foi) e ao mesmo tempo

tem lugar de objeto no discurso (o agora dói, por exemplo). Índice de um objeto ausente e símbolo que presentifica esse mesmo objeto. Alguém ontem questionava a função e uso do documentário como dispositivo para o encontro do qual participamos. A questão, pra mim, só faz sentido se entendermos “No intenso agora” como um dispositivo que, como (FOUCAULT, M. explica, é uma rede de saber-poder-sujeito que responde a uma urgência histórica gerando o que o excede, ou seja, algo que não se encaixa. (FOUCAULT, 2014) Isso que resta do funcionamento do dispositivo, do jogo de poder de Foucault é que nos coloca pra falar para que rearranjemos as coisas diante do que não tem e não terá outro lugar.

E o que acontece quando o funcionamento do dispositivo gera um irreduzível e nos coloca pra falar? Lembremos antes de outro ponto da teoria de Foucault sobre os dispositivos. O interlocutor irreduzível dos dispositivos é a sexualidade. Confessada ao confessor, mas sempre parcialmente inconfessa. Qual a especificidade dessa fala em que a sexualidade tropeça e faz registro? Pergunto e respondo ainda sem sustentar. A especificidade de uma fala assim é que ela pode escrever alguma coisa, desde que registrada ou lida como se deve. Isso interessa a um psicanalista. Ler o que resta do dispositivo em funcionamento e conferir-lhe valor. É aí que a noção de *shifter* me pareceu interessante. Hegel tem um trechinho bom pra mostrar o que se revela ao ler o *shifter* como tal e as consequências desse agenciamento de leitura (AGAMBEN, G. 2006, pp.24-26)

À pergunta: “O que é o agora?” podemos responder por exemplo: “o agora é a tarde”. Seria uma sensível certeza. Diferente da certeza se eu dissesse “agora é tarde”. Pior ainda se eu dissesse: “agora é tarde demais”. Nunca é tarde demais. Por isso o feminicídio é um crime mais grave que o abuso. O feminicídio nos faz ter a certeza nefasta: tarde demais. Mas se eu meto o artigo definido, “o agora é a tarde” ele me salva da angústia do nunca mais que o agora é tarde pode comportar. Os artigos me dão uma certeza experimental. 14:30. O Agora é a tarde. Reconfortante. Ao menos estou vivo. Mas o “agora” pode ser esse meio-dia de agora ou a meia-noite da partida desse agora. O pulo do gato em relação ao shifter é sacar a sua relação ao ser do ente. Entender que a verdade do “agora é noite” ou do “agora é tarde” se conserva. Ambos são verdade. Mas essa verdade é vazia. E isso não é apenas

poético. É preciso entender que a verdade vazia do agora é questão de gramática e de lógica. Pois então.

“Agora” é aquilo pelo qual o “ente”, “noite” se deu, foi, é. Mas “agora é noite” é tanto verdade quanto “agora é dia”, então a verdade do agora não pode ser localizável em um ente, dia ou noite. A verdade é um não-ente. É o “não-noite”, um negativo de ser, que é o qualificador do “agora é dia”. Ou o inverso. É um “não-dia” o qualificador do “agora é noite” em sua positividade de ser. A verdade é o negativo desse ente que não é “o agora”, mas que nos permite dizer que “o agora tem sua verdade”. Uma verdade em negativo, por assim dizer, ou que se afirmar negando-se, também podemos dizer isso. E é porque a verdade é sempre negativa do ser do ente que a verdade está lá e dela queremos saber muito pouco.

Não queremos saber de não ser. Outra coisa que interessa o psicanalista. Por que? Porque Lacan, num certo momento desenha assim: Ou não sou - já que o sujeito é o que representa um significante para outro significante, como poderia ele ser? Ou não penso, ou seja, só meu eu acha que meus pensamentos são transparentes pra mim. Subversão do sujeito. Mas sabem o que Lacan desenha no círculo do não-ser? A sombra negativa do não ser, Lacan escreve, é o inconsciente. Lá onde não sou, ou sou em fading é que está o inconsciente. Faço um lapso. Caio do cavalo. Rapidamente suspeito que fui, mas não sou o que disse. Meu ser sofreu um pulsar que é um pulsar de linguagem. E segue o baile.

Em certo sentido, a verdade do agora pode ser pensada como o paradigma da lógica do negativo em geral, que é a lógica última de toda linguagem. Ela “se conserva através do fato de que um outro, o dia ou a noite não é. O agora é esse simples. Não isso, não-aquilo e ao mesmo tempo isso e aquilo”, diz Agamben. A homologia com o semi-grupo de Klein dos seminários 14 e 15 é evidente. (LACAN, J. 1967-68) Saber fazer com o negativo, que não é, mas que está inteiramente submetido e deriva de nossa realidade de linguagem também me parece coisa que interessa a um analista. É preciso dizer que esse negativo não é nenhuma espécie de metalinguagem. Esse negativo faz letra. E toda lógica se escreve. Por que que é importante escrever a lógica

do Outro? Essa lógica negativa do Outro? Isso é o mesmo que dizer que o Outro é marcado. O Outro é castrado porque é marcado por uma lógica do negativo.

Os impasses lógico-matemáticos interessam sobremaneira o Lacan. Por quê? Vejamos. A lógica dos sistemas formais tem dois grandes impasses. Impasse número um: “Eu minto”. Se eu digo “eu minto”, estaria falando a verdade? Impasse lógico: não se pode decidir se a proposição é verdadeira ou falsa dentro do sistema. Isso se chama inconsistência. Impasse número 2. Raiz quadrada de 2. Tiveram que inventar os números irracionais para dar conta do estatuto desse número. Tiveram que inventar uma classe de números que não existia, chamados irracionais, para dar conta de Pi ou da raiz quadrada de 2. Esse número existe, mas não é demonstrável pelos elementos do sistema dos números racionais ou dos números naturais. Isso se chama incompletude. Ou não se pode decidir a existência de uma proposição: inconsistência, ou existe, mas não consigo demonstrar com os elementos do sistema, preciso inventar outra categoria: incompletude (HOFSTADTER, D. 2000) Todos os sistemas formais ou não são consistentes ou não são completos. É assim que entendo hoje o Outro e nossa alienação nele.

Não se trata apenas de dizer que nos constituímos como sujeito no campo do Outro. É um passinho a mais. É dizer que a escolha forçada à qual o exercício com o Outro nos leva é a de, mais dia menos dia, ou escrever sua incompletude ou sua inconsistência. Mas esse tipo de exercício, esse sim tem um nome e um nome apenas. Chama experiência analítica. Se quiserem chamar isso de significante de A barrado... fiquem à vontade. Se quiserem chamar de furo, ou falta e botarem isso no altar, fiquem à vontade também. Eu acho bem mais profano. Escrever a lógica do Outro como incompleto ou inconsistente é ato significativo, ou, mais ao meu gosto, sua performance.

O resto dos desdobramentos do Outro, do infinito e repetitivo desfile do Outro em nós, dos paradoxos lógicos a que este desfile repetitivo nos impele, forçosamente e aos que tem coragem de escrevê-los e depois disso, segui-los, eis a grande aventura de uma análise. A isso, esse resto negativo que deve ser legível em sua presença de letra, mas permanecer opaco em sua significação de palavra, eis uma coisa que

interessa ao psicanalista. Por quê? Porque queremos passar isso adiante. Queremos passar adiante, como se passa um bastão esse negativo da letra que não se dá sem a palavra mas que demonstra o que ela é e o que ela não é: palavra que não é mais lugar da verdade da palavra, mais do que do que remissão a outra simples palavra e que faz da verdade não a garantia de uma significação, mas o corte lógico que nos faz duvidar, hesitar, pestanejar ou mesmo, dormir diante de toda significação para acordar e começar tudo de novo. Agora é tarde, mas talvez não tarde demais.

Eis o lugar da letra. Lacan demonstrou isso em seu circuito sobre a carta roubada. *Purloined lettre*. Carta roubada, letra roubada, apenas inferível do circuito da lei do significante e cuja eficácia está em seu conteúdo ausente. A carta. A *lettre* é eficaz em sua ilegibilidade, ou melhor, no movimento, na ação de sua ilegibilidade. Ilegível sob a mesa da rainha, certos efeitos. Ilegível sob os disfarces do ministro, outros efeitos. Ilegível quando subtraída por Dupin, outros efeitos ainda. Em cada intervalo, ação motora, movimento da letra. (LACAN, 1998, pp.13-69) A letra está lá, efeito dessa sintaxe, mas ilegível em essência. Joãozinho nos mostra a letra diversas vezes “no intenso agora”. A letra escrita nos muros. De todas elas, as que mais me tocaram foram os ideogramas chineses. Eles estão lá, na sua qualidade opaca de letra nos interrogando de fora. Joãozinho saca a pergunta da letra: por que eu aqui, na minha obriedade de letra, não fui lida? E responde, traduzindo, uma única vez. Seria Nas letras da filmagem da China, só uma vez, ele traduz os slogans dos poemas políticos de Mao. Mas João traduz o ideograma essa única vez, para dizer que foi algo que a que filmava não leu, por não saber ler um ideograma. Ela, sua mãe, a que filma sem saber que filma, foi encontrar uma coisa, chocou-se com outra. Foi fazer uma viagem cultural e filmou, sem saber, a história em ação. A única vez que Joãozinho traduz os ideogramas é pra dizer de um choque com o imprevisível.

Todas as outras, os ideogramas estão lá, presentes, gritando mudos, dizendo sem falar. Joãozinho deixa-se ler pelos ideogramas e ao deixar-se ler, ele escreve um outro Joãozinho e uma outra mãe do Joãozinho. A letra lê a sintaxe política que a mãe de Joãozinho não leu. A letra muda lê em Joãozinho a alegria dela, objeto nostálgico. Por isso a morte nesse documentário não silencia nada. Toda a obra é um

lamento, um réquiem por um entusiasmo e uma alegria que não resistiram ao passar do tempo. A propósito, não é esse o nosso pavor nos tempos que correm? Não sei se é o de vocês, mas certamente é o meu. Tenho pavor que o entusiasmo e a alegria não sobrevivam ao nosso tempo.

Mas voltando ao nosso Joãozinho. A letra que tá lá e que o lê, lê essa alegria nostálgica, resgatando-a e lê também a ilegível política da qual sua família fugiu. Lembremos. Eles não foram exilados em 1964. Não fugiram do golpe ou da tortura. Eles foram viver na França. Recalcada, a política retorna democraticamente, nisso que o silêncio da letra lê: mamãe, existe uma história em ação. Por que que é democrático? Porque nem o ente “João” nem o ente “mãe do João” podem ficar mais do mesmo jeito. João porque João passa a ser o que ligou coisas que a mãe não pôde ligar. Mãe do João porque ela adquire uma insuspeita habilidade de filmar o político onde haveria apenas a diletante curiosidade estética. É nesse momento único que a mãe passa a ser, brevemente, novamente alegre. Uma alegria que na verdade é a da memória dele, por poder supô-la, em algum momento, assim. Mas uma alegria que é júbilo de um insight. Se ela foi insuspeitadamente alegre, talvez eu, talvez você... Por isso é importante nos deixarmos tomar pelo agora dele. Para nos alegrarmos.

Shoshana Fellman diz que a psicanálise é uma teoria revolucionária da leitura (FELMAN, S. 1987 p. 9). Há a leitura do eu que lê e do texto que é lido. Digamos, teoria convencional da leitura. Nada de revolucionário por aí. Mas para essa autora o inconsciente é isso que lê. Há uma leitura em que o texto inconsciente lê o leitor e faz dele um autor de um texto em ato que está por se escrever. Isso não é a experiência analítica? Um agenciamento de leitura em que nem texto nem leitor são donos da leitura, mas uma leitura se agencia em ato implicando ao mesmo tempo analista e analisando? A posteriori somente pode-se dizer se e como esse ato mudou alguma coisa. Coisa que me parece interessar a um psicanalista.

Lacan precisou da letra para dizer do resto do significante e para dizer há um fim. Há um fim do fim. O fim da repetição inconsciente é nos conduzir à escrita da sua lógica. E há uma finalidade do fim. Essa lógica, a lógica de tanto falar não é mais da ordem da fala. Ela se escreve e se escreve ao ser lida. Ao ser lida, interpreta, mas não

decifra. É isso que a literatura, um Kafka por exemplo ensina a um psicanalista. Adorno (1996) chamou Kafka de parabolista da impenetrabilidade. Seus aforismos por exemplo não induzem um feliz adágio moral. Eles mantêm sua opacidade ao serem lidos e com isso fazem nossas ideias pré-concebidas dançarem, ou seja, a significação e o jogo das significações, jogo que nos parasita e nos parasitará sempre é apenas isso, um jogo. Interessa mais o prazer que podemos extrair dele do que a significação última do que ainda não foi dito, mas seria. Lacan não disse que isso acaba, que o jogo com os significantes da fala se encerra. Ele até idealizou um passe. E errou quem transformou um passe, num fim. Lacan disse que o inconsciente intervém em ato. E se relança. Na quinta de manhã um paciente me dizia isso. Ele tinha sacado que é um prazer fazer escolhas. Disse-lhe em eco: um prazer nas escolhas. Ele me responde: “Não, no processo de fazer escolhas.”

Se é assim, se o falo pode ser apenas o que é, fonte da paixão de significar, isso tem que ter consequências quando se pensa o que acontece quando psicanalistas se encontram. Eu perguntaria agora. Quando os psicanalistas se encontram, será que eles encontram.... a psicanálise? No seminário sobre o ato Lacan (LACAN, J. 1967-68) nos diz algumas coisas importantes nos capítulos iniciais. A primeira é que o que especifica o psicanalista é seu ato. A segunda é que o ato analítico não tem nada a ver com a motricidade, ele é engendrado pelo significante, ou, melhor dizendo, a única motricidade em jogo no ato é a dos significantes, afinal, a fala é um ato motor. A terceira é que o ato analítico interessa àqueles que não fazem da psicanálise profissão ativa, ou seja, aqueles que se garantiram de seu reconhecimento institucional. Aqui Lacan fala das instituições de formação clássica, mas ele observa claramente que entre os lacanianos, os que de fato estavam escutando o que ele estava dizendo andavam rareando. Lacan morreu, mas não sem anunciar a crise das instituições lacanianas. Por fim, Lacan diz que para pensar preliminarmente o ato analítico se deveria poder tomar partido do entendimento da estrutura do que é o ato falho.

O que é um ato falho? Ato sintomático ou equívoco da ação. Faço sem saber algo que não era, parcial ou totalmente, minha intenção de fazer. Não abro a porta do

escritório com a chave de casa. Quebro precisamente um objeto e não outro. Machuco meu corpo, suicidando-me em parte. Em parte, porque quando me suicido, o ato atinge seu fim. O ato falho é o paradigma do ato que não atinge seu fim, mas outros fins, imprevisíveis, antecipadamente. Um psicanalista em seu campo, que é a transferência, lê isso. Lacan é claro: não há ato fora da transferência, ou seja, fora do campo amoroso com o analista. Pois bem. Ato falho. Não reconheço o que fiz e me interrogo, dirigindo essa a interrogação a este leitor analista que também não sabe, mas sabe que leu algo. Ele até se arrisca, mas o que importa mesmo pra mim é que eu saiba que ele saiba, sem saber do que se trata, que ali algo de performativo se deu. Performativo de algo que é produzido num tropeço da ação mas não é seu sentido. É seu evento, tão fugaz quanto efetivo e cuja natureza não pode transformar-se em herança ou aquisição. Essa leitura do ato que faz com que o ato esteja na leitura só é possível a posteriori e portanto, é ato desfeito e deve ser praticado a cada vez, repetido, reencenado, a cada vez uma primeira vez. Coisa que interessa a um psicanalista pois, seguindo esse raciocínio, o que advém de um ato de leitura sobre um ato falho é eminentemente inconsciente e parcial. Fadado à perda e a um novo esquecer, mas, ao mesmo tempo, capaz de mudar o rumo das coisas uma vez algo lido é ao mesmo tempo algo escrito e escrever é dar materialidade e existência a algo que antes não existia assim. Essa natureza do insight (FELMAN, 1987) é a natureza da própria psicanálise. A psicanálise está perdida, não está garantida e precisa ser sempre performativamente recuperada.

Esse filme não é um filme. Esse filme é um documentário. Mas também não é um documentário, ou um documentário histórico que diria: aconteceu. Saibam vocês que aconteceu, ou aconteceu assim ou assado. Chamemos a pesquisa, o inventário, o fuçar nas caixas da mãe, os quarenta anos de intervalo histórico, o roteirista, diretor, o argumento, a câmera, o financiamento, o texto, de dispositivo. Michel Foucault certamente concordaria. Redes de poder, relações de força entre elementos heterogêneos com vistas à produzir numa urgência histórica, ou seja, quando as coisas vão mal, coalescências entre verdadeiro e verdade, o que obviamente produz o que? Como já expliquei, restos.

Imaginemos um salto. Chamemos o dispositivo de Outro. Eu acho que Lacan concordaria. Digamos que do Outro não há saída e Kafka concordaria. Com isso, pensemos. Não basta evocar a presença ineliminável do Outro para que possamos dizer que “o inconsciente é a política não é intuitivo”<sup>1</sup>. Sim isso é verdade. O Outro fala. O Outro é o tesouro dos significantes. Portanto os humanos são mais de um quando falamos e em nós há um dizer Outro. Mas esse Outro pode ser a resposta que nossa fantasia constrói ao horror que nós sentimos ao escrever a incompletude ou a inconsistência do Outro de que e com quem tanto falamos. Não tem como saber. Essa letra, a marca da incompletude ou da inconsistência, diante dela, com ela, o que é que vamos escrever? A eternização de nosso destino? Ou será o sopro angustiado do início de uma autoria?

A psicanálise tá aí pra nos chamar pra isso. Todo esse papo sobre a castração, que desde Freud é algo localizável fora de nós e por inversão e retorno, em nós é disso que se trata. De uma operação cotidiana com o nosso Outro, sob as orelhas de um psicanalista. Operar pelo resto, operar com o resto ou talvez, operar como o resto nada mais é que fazer dessa política uma política da castração. Coisa que não vemos de bom-grado, pois nossa fantasia gosta de remontar nosso Outro às expensas de nossas ilusões de amor. Coisa que não entregamos de bom-grado, pois velando a castração do Outro está um cão de guarda tão feroz quanto surdo: nossos ideais.

Se não prescindimos do Outro e se é Nele e com ele que estamos embarcados, haveria que se pensar nesse contexto, e até aqui creio que já circunscrevemos o suficiente e noção de política, qual a política do psicanalista, ou seja, o que determina ou induz seu ato, entendendo ato como esse agenciamento de leitura que lê e escreve em negativo, como no bloco mágico de Freud lido por Derrida (1995)

Para isso, antes de mais nada deve haver um analista. Coisa mais óbvia. Não é. Não é porque estamos ali sentados atrás do divã muito menos porque lemos tanto Lacan que há um analista naquele um momento específico com aquele um analisando específico, que não fique ali numa posição de intérprete decifrador do subtexto de um

<sup>1</sup> Referência à expressão usada no texto de divulgação do evento que sediou a mesa redonda onde este texto foi apresentado.

discurso. É preciso dar um salto junto com o analisando e isso significa se deixar ler por aquilo que do inconsciente, faz letra para ambos, é comum a ambos, o que nem de longe quer dizer que trata-se da mesma coisa para ambos porque se a letra inconsciente, se o resto do dispositivo, da máquina lógica de linguagem é patrimônio comum, a verdade só se declina um a um.

Outro dia lia um conselho do Nick Cave àqueles que querem escrever canções e andam meio inibidos. Ele diz: a inspiração não é sua e você é que não a está deixando sair. Ela está lá fora e é você que não está deixando entrar. Sem o Outro e o que vem dele..... não há inspiração. Mas com uma observação. Se a psicanálise daquele um analista não puder subverter o sujeito e tomar partido do momento mesmo em que esse sujeito se eclipsa, neste mesmo campo que é o campo do Outro, a política da psicanálise não se qualifica como tal porque o Outro seguiria inteiro. Seguir inteiro quer dizer não-marcado, não assinalado pelos paradoxos de sua lógica. Seria um Outro que fala sem parar para nada escrever. É no seminário da lógica da fantasia que Lacan esclarece algo importante sobre a escrita da castração do Outro. S de A barrado é seu algoritmo. O Outro tem um vício institucional grave. Ele padece de um crime que é o grande crime do significante: a paixão de significar.

Aí temos uma questão, que é a questão em jogo quando as análises paralisam, ou se eternizam. O analista leitor intérprete. O analisando ciente do seu Outro, precisa se soltar dele lendo-o, para escrever um novo amor. Sim. Um novo amor. As pessoas têm se esquecido que se a psicanálise é uma política, ela é uma política libidinal e não acho que estejamos num momento tão pudico quanto Freud no século XIX para dizer que libido, assim como transferência = amor. Formas de amor. Declinações do amor. Desqualificações do amor. Impasses do amor. Rancores e mágoas do amor. Ódios de amor. Ódios sem amor. Separações no amor ou reconstruções no amor ou desilusões de amor. A psicanálise é uma aventura amorosa talvez a mais profunda de que se possa ter notícia. Mas em 67 Lacan comenta algo no seminário da lógica da fantasia e que eu entendo assim: a psicanálise só pode propor um novo amor fazendo constar a verdade inoportuna do amor e que o próprio amor, por estrutura, não consegue dizer.

Tu (Outro) não és (não és lugar da verdade da minha palavra), portanto eu (je, sujeito) não sou (embora gostaria de acreditar falicamente que sou ou tenho tal como gostaria de acreditar tu fosses ou serias nada mais do que somos um pro outro e nós dois um dia nos encontraríamos em um). Eis a verdade inoportuna que o amor não consegue dizer, uma vez que ela não é da ordem da fala. Ela pode ser escrita, inferida, inscrita, depois de muito falar e não sem uma certa dose de horror. Trata-se, se quisermos, da escrita da castração, exatamente aquela que Freud classificou de rochedo de final de análise. A barreira contra a qual uma análise não avança. Um novo amor seria um dos nomes próprios do próximo passo. Um amor que incluía, seja sob que forma for, isso que o amor hesita em incluir. Hesitação romântica, mas cuja abertura é a de uma aventura, a inconveniente, obscena e inoportuna aventura de um amor um pouco mais livre.

O analisando fede. Fede ao ponto de incomodar outros pacientes na sala de espera que, ao entrarem depois, reclamam. Dou-me conta que eu também havia sentido, não havia gostado, mas havia recalcado uma observação qualquer a respeito. Inibi-me. Ele me explica que fede cheiro de porra seca, guardada grudada no corpo que ele se deitou sob cobertas quentes depois de masturbar-se. Chama isso de “de passar por esta estufa”. Digo-lhe, surpreendendo-me ao escutar o que disse: “então quer dizer que seu pai é que fede”. Na verdade, ia dizer: “então quer dizer que seu pau é que fede.” Ele: “Você está me dizendo que o meu pai fede no meu pau”. Não sabia que estava dizendo isso. Mas estava.

Lembro-me, naquele momento, horrorizado, que minha cunhada reclamava, nos meses que precederam os eventos que levaram meu pai à morte que o mais insuportável era o quanto o velho fedia no quarto e o quanto era trabalhoso trocar suas roupas íntimas, pijamas e roupas de cama. E o analisando prossegue: “Mas então é uma simples questão de luto”, sabendo que um pai degradado, fedido, fodido, mas eterno era o que mais agradaria à sua mãe. Eu respondo: “Talvez seja mais simples estufar seu pau sem carregar nele o luto pelo seu pai que sua mãe não quer fazer.” “Vamos simplificar então”. Simplifiquemos. Quem leu, naquele agora, o que, de quem? Esse ato, tal como um amor mais livre, não teve dono.

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. Genealogia da ética. Subjetividade e sexualidade. Coleção Ditos e Escritos. v. IX. Motta MB, organizador. Chiquieri A, tradutora. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional; 2014. O jogo de Michel Foucault [1977]; p.44-78.
- LACAN, J. O Seminário. De um discurso que não fosse semblante. Livro 18. Tradução vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.; 2009 pp. 51-70
- FOUCAULT, M. A coragem da verdade. Tradução Edurado Brandão. São Paulo: Martinsfontes; 2011 pp. 3-23.
- VERLAINE. P. Disponível em:<http://leitoracritica.blogspot.com/2009/10/poesia-antes-de-tudo.html>
- AGAMBEN, G. A linguagem e a morte. Um seminário sobre o lugar da negatividade. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG; 2006. pp. 31-45)
- FOUCAULT, M. Genealogia da ética. Subjetividade e sexualidade. Coleção Ditos e Escritos. v. IX. Motta MB, organizador. Chiquieri A, tradutora. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Nacional; 2014. Sexualidade e verdade [1977]; p.11-13.
- LACAN, J. Seminario 14 (1966-1967) La lógica del fantasma. Versión crítica. Tradução e Notas: Ricardo E. Rodríguez Ponte. Disponível em: <https://lacanterafreudiana.com.ar/2.1.6.8%20%20CLASE%208%20%20S14.pdf>
- LACAN, J. Seminário 1967-1968. O ato psicanalítico. Escola de estudos psicanalíticos. Circulação Interna. [www.freudlacan.com.br](http://www.freudlacan.com.br)
- HOFSTADTER, D. R. Godel, Escher, Bach. Um entrelaçamento de gênios brilhantes. Tradução José Viegas Filho. Brasília: Editora da UNB, 2000
- LACAN, J. Escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. O seminário sobre “A carta roubada” [1956] pp. 13-69
- ADORNO, T. W. Prismas, crítica cultural e sociedade. São Paulo: Editora Ática, 1996. Anotações sobre Kafka, pp. 239-270
- DERRIDA, J. A escritura e a diferença. Tradução : Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

## **THIS MOVIE IS NOT A MOVIE**

### **ABSTRACT**

The title of the text was that of a meeting table: "Policies of Psychoanalysis: When the psychoanalysts meet, what happens?" (Campinas, SP, June 2019). It is effect of the discussions between the participants of the table who took the documentary "Intenso agora" (João Moreira Sales - 2017) as working device. It is a political documentary juxtaposing archive footage of a series of different events from the 1960s: China in 1966 under the Mao regime, visited and filmed by the director's mother at the time with the student revolt in Paris and the Prague Spring. The author then ponders considerations about logic and politics at play when psychoanalysts meet, that is, their association with some others.

**KEYWORDS:** Politics; Psychoanalysis; device; meeting; logic.

## CE FILM N'ES PAS UN FILM

### RÉSUMÉ

Le titre du texte était celui d'une table de réunion: "Politiques de psychanalyse: que se passe-t-il lorsque les psychanalystes se rencontrent" (Campinas, SP, juin 2019). C'est l'effet des discussions entre les participants à la table qui ont pris comme document de travail le documentaire "Intenso agora" (João Moreira Sales - 2017). C'est un documentaire politique juxtaposant des images d'archives d'une série d'événements différents des années 1960: la Chine en 1966 sous le régime de Mao, visitée et filmée par la mère du réalisateur à l'époque avec la révolte étudiante à Paris et le Printemps de Prague. L'auteur s'interroge ensuite sur la logique et la politique en jeu lorsque les psychanalystes se rencontrent, c'est-à-dire leur association avec d'autres.

**MOTS-ÉCLÉS:** Politique ; Psychanalyse ; dispositif ; réunion ; logique.

*Esse filme não é um filme*

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)